2.ª SERIE. TOMO III.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 39. QUINTA FEIRA, 5 DE JUNHO DE 1851. 10.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

IX

421 O escriptor economista, que citámos em o numero precedente, continua a serie de suas cartas, e em data de 17 de Maio diz assim: — « A final arvorou a França a sua bandeira, com applausos de toda a Europa; e dentro em poucos dias, todas as suas industrias poderão ser apreciadas pelo seu verdadeiro valor. A cidade de Lyão fez esperar por ella algum tempo, como acontece ás vezes com os soberanos casmurros; mas nisso não se perdeu. Dir-se-hia que não estava aberta a Exposição, em quanto não estivessem ahi as maravilhas de producção desta cidade. Agora que Mulhouse e Lyão concluiram a sua exposição elegante, simples e synoptica, é para vêr o sem numero de curiosos que se agglomeram de redor destas brilhantes galerias do primeiro andar; é uma onda continua de visitantes, que vem saudar a cidade rainha de nossas industrias: não se ouve senão esta exclamação: — Bello! Admiravel! Primoroso!!

É chegado o momento de desassombrar os nossos compatriotas contra os boatos que circularam em Paris, segundo ouço dizer, de nossa inferioridade na Exposição de Londres. Taes rumores não podiam ter fundamento senão nos primeiros dias, quando com effeito quasi nada tinhamos desemballado, e o publico passava estupefacto por diante de nossas taboletas e armarios vazios. Era um espectaculo tanto mais deploravel, quanto mais são duradouras as primeiras impressões, e sobrevivem ás vezas á realidade que deveria modifical-as. Mas a culpa provinha dos expositores, que esperaram quasi todos o ultimo momento, uns para acabar, outros para expedir os seus productos.

Hoje tudo está reparado; e antes de começar o exame comparativo de nossas diversas industrias, com as de nossos rivaes, posso confirmar-vos, sem preoccupação patriotica, o que vos fizera presumir nas minhas anteriores; que o nosso triumpho é certo em toda a linha, explendido sobre tudo na de Lyão. Não porque não veja despontar no horisonte potencias ameaçadoras; nomeal-as-hei somente, aguardando mais ampla informação; a Suissa tem fitas, a Italia tem velludos, e a Hispanha objectos de seda, que merecem a maior attenção. A China mostra chailes, e outras fazendas assaz notaveis, até mesmo pelo gosto dos bordados. Mas tende por assentado que nós ficamos os campeadores, os arbitros incontestaveis da iniciativa e da arte. Um inglez, bom intendedor, diziame hontem — « Nós temos a quantidade, e vós a qualidade. » — O inglez tinha rasão.

Será facil demonstrar que poderiamos ter tanto uma como outra: bastará deixar entrar as materias primeiras do trabalho pelo preço mais baixo da sua procedencia, seja donde fôr. O que de ordinario mais prejudica a extracção de nossas fazendas é a sua carestia relativa, e esta provém sobre tudo do alto preço das materias primeiras.

É essa uma questão de alfandegas; mas pelo que toca á arte e ao bom gosto, este fogo sagrado não póde roubar-se; a Exposição Universal bem o prova, e muito além das minhas esperanças; não podem tirar-nos esse privilegio, como não podem privar-nos da benignidade do nosso clima, nem offuscar-se o merito, a elegancia das senhoras francezas. Pergunto-vos se a graça é coisa que possa aprender-se ou comprar-se.

Posso desde já resumir em poucas palavras a posição que occupamos no estado actual da Exposição. Evidentemente não temos rivaes quanto á *fórma*, ao *desenho*, ás *côres* em todos os objectos appresentados; nomeadamente, nos das artes de ourives, de marcineiros, de fabricantes de bronzes, de papeis pintados, de objectos phantasiosos, de instrumentos de precisão, de armas de fogo. Quasi que não fomos representados no que respeita a louças e cristaes. As fabricas de Sant'Louis e de Baccarat desertaram em presença da Inglaterra e da Bohemia.

Temos alli poucas maquinas, e muito mal avisado andaria o que julgasse do poder industrial francez pelo que neste genero expozemos, ainda que os nossos productos sejam bellissimos.

As nossas manufacturas, outr'ora reaes, Sèvres, Beauvais, Gobelins, occupam uma sala especial, que é a admiração de todos os visitantes. Os nossos orgãos, os nossos pianos, atroam magistralmente os angulos

dos edificios. — Percorrem-se as galerias para vêr uma infinidade de coisas uteis; mas toda a gente volta ás galerias francezas para observar e conhecer os verdadeiros typos do bello.

Esta manhã eu tive a honra de acompanhar na visita da Exposição M.me a duqueza d'Orleans, que nos disse com visivel satisfação: — « Decididamente, a França, é sempre a mesma França; e a sua grandeza aqui brilha com esplendor novo por via da comparação! »

Vou agora conduzir-vos ao terreno mais propicio, ás comparações entre as nossas industrias européas e as do novo mundo: quero fallar da India ingleza e da China, que ostentaram productos na verdade extraordinarios pela sua confecção e variedade. Os fabricantes de todo o genero e de todos os paizes devem estudar as fazendas da China e da India, porque acharão preciosas indicações para renovar ou modificar os seus desenhos, formas, e mesmo a armação de teares. A collecção das producções da India ingleza é particularmente interessante, por isso que é mais nova e menos conhecida do que as fazendas chins. É tambem mais completa; e facilmente se reconhece que as ordens do governo inglez não deixaram de ter grandissima influencia no cuidado, com que a mesma collecção foi reunida.

Quem não conhece a India senão pelos livros, e não tem a este respeito melhor guia do que os escriptos do nosso compatriota Jacquemont, póde vêl-a na exposição em toda a realidade, sem custo, nem fadiga; só lhe falta o clima; e affouto-me a dizer que bastaria esta collecção para attrahir a Inglaterra milhões de visitantes.

A primeira coisa que dá na vista, é a duplicada serie militar e naval, contendo specimens de todas as embarcações, de alto bordo e pequenas, que navegam nesses mares remotos. Quantos meios de destruição da humanidade! Quantas fórmas diversas de espingardas, de bombardas grosseiras, de justolas, de frexas, de espadas, de punhaes, enfeitados de mil maneiras, de facas de matto, de outras de folhas curvas, de alfanges; tudo instrumentos para matar, temerosos e horriveis, porém magnificos e esbeltos pela materia e feitio: e quanto são raros comparativamente os da producção! Presumir-se-ha que a vida é mui longa naquelle paiz, e que é um mal, um pezo de que convem desembaraçar-se o individuo o mais depressa possivel.

Os navios tambem parecem construidos mais para a pirateria do que para o commercio. Vêde os de Mindanao com duas ordens de remos e velas quadradas; os *sanpans* de Singapura de velas latinas; o barco-serpente da Cochinchina com pás pequenas á guiza de remos; e toda a frota de flibusteiros que as fragatas a vapor da Inglaterra vão pouco a pouco varrendo desse archipelago dos ladrões. E não será isto a imagem do antigo oriente que cede diariamente á superioridade do genio europeu?...

MEMORIA PRATICA SOBRE O MODO DE COLHER A AZEITONA, DE A GUARDAR E TRATAR ENTRE A COLHEITA E A MOENDA, E DE FAZER O AZEITE.

Com satisfação, publicamos hoje a maxima parte de uma excellente Memoria sobre o fabrico do azeite publicada em Pariz no anno de 1842. Por este modo concorremos para que os dezejos de seu benemerito e illustre auctor sejam realisados, propagando-se o fructo do seu estudo e do seu amor á patria. E fazendo este importante serviço á nossa agricultura, permitta que o denunciemos ao publico, por quanto o seu nome não só em Portugal, mas em paizes estrangeiros é considerado, como illustre e honrado pela virtude e pelo estudo.

O Sr. Visconde da Carreira neste seu modesto e desconhecido trabalho soube juntar ás idéas emminentemente praticas de um processo agricola as verdadeiras doutrinas economicas, que devem governar este paiz, victima desgraçada da ignorancia e da ambição. Fazer conhecer o nobre visconde como auctor deste importante trabalho, é fazer justiça a um dos cavalheiros mais instruidos e respeitados da nossa terra. Com este proposito quebramos o sigileo, que, sem injustiça, não podemos talvez guardar.

422 Antes da colheita geral, cahe sempre naturalmente das oliveiras mais ou menos azeitona, a qual não deve ser despresada, mas sim apanhada quanto antes, e levada separadamente ao lagar, para tambem separadamente se guardar o azeite que della se fizer, o qual, sendo de inferior qualidade, não póde convir para comer, e serve para outros usos.

Logo que a azeitona está madura, é necessario tratar de a colher, porque toda a demora não só occasiona a diminuição della, em rasão dos passaros que a comem, mas a sua deterioração, porque da maduez declina insensivelmente para o estado de putrefacção ou decomposição.

A colheita geral, segundo o uso desgraçadamente estabelecido, faz-se varejando as oliveiras; de que resultam graves inconvenientes, tanto para as arvores como para a azeitona. Quanto ás arvores, o varejo as despe dos pimpolhos e raminhos destinados a dar outro fructo no anno seguinte, tempo que gastam em se refazer desses perdidos raminhos, para produzirem no outro anno immediato. Dahi resultam os annos de safra contra safra, e não de uma lei da natureza, como alguns pensam; o que facil é de verificar apanhando á mão para curtir ou para experiencia a azeitona de algumas oliveiras. Com isto não queremos dizer que as oliveiras tenham o privilegio de dar sempre fructo, mas sim que ellas o podem dar como as outras arvores todos os annos, em mais ou menos abundancia, uma vez que não sejam açoutadas e maltratadas pelo varejo, mas sim ripadas, limpas, estrumadas, e a

terra lavrada como convém. Deste modo sempre produzirá annualmente cada arvore mais ou menos azeitona, e o producto annual do olival será inda mais igual de anno a anno, que o de uma particular e determinada oliveira, principalmente se as arvores delle não forem todas da mesma qualidade, mas sim de variedades differentes, como de ordinario acontece, e como póde e deve sempre acontecer.

Outro inconveniente do varejo é impedir que as arvores sejam frondosas e copadas, pois que os raminhos escapados ao flagello, crescem, por assim dizer, fóra da orbita, cheios de secco e de alcijões, provenientes das varadas; e dahi resulta que os alimpadores não podem dirigir e amanhar as arvores de maneira a facilitar a colheita do fructo á mão.

Relativamente á azeitona, o varejo é tambem mui prejudicial, porque deixa grande parte della contusa e esmagada, e conseguintemente predisposta para entrar em uma rapida fermentação e corrupção, de que resulta aquelle ranço e máo cheiro que nos paizes estrangeiros distingue desgraçadamente o azeite exportado de Portugal, o qual, não obstante ser na sua essencia mais balsamico e fino, tem muito menos valor que o de França e Italia, e é unicamente applicado, fóra dos dominios portuguezes, para luzes de gente pobre, que não tem candieiros nem lampadas de luxo, e para uso das fabricas de lanificios, saboarias, e outros empregos grosseiros; entretanto que o de França e de Italia, muito inferior na essencia, é em toda a parte vendido por alto preço, que algumas vezes se eleva ao quadruplo do que o nosso tem em Portugal, por isso que nenhum processo de depuração póde extirpar inteiramente do azeite portuguez o cheiro desagradavel e gosto nauseabundo, que lhe provem, tanto da azeitona fermentada e corrompida, como do pouco aceio e vicio original de sua fabricação.

É certo que o habito geral se oppõe a outra maneira de apanho, e que nada ha mais difficil que mudar usos populares inveterados, e introduzir melhoramentos, inda os de mais evidente e palpavel utilidade, quando elles contrariam prejuizos arraigados, e praticas antigas, cuja immemorial observancia como que sancciona a opinião de sua excellencia, e dispensa o commum dos homens de indagar se ellas são realmente boas, ou se não haverá outras melhores e preferiveis. Esta difficuldade, aliás sempre grande geralmente fallando, inda é maior relativamente aos methodos e trabalhos da agricultura, em razão da simplicidade e ignorancia ordinaria da gente do campo, que por isso mesmo é mais tenazmente aferrada ás normas e regras, que lhe vem transmittidas pelas gerações passadas, e que observa cega e escrupulosamente com timorata reverencia. Só o exemplo é capaz de vencer a resistencia dos camponezes aos melhoramentos que repugnam ás suas idéas e ás suas rotinas; mas infelizmente em Portugal, onde se sabem muitas theorias, pouco ou ninguem sabe pol-as em pratica, e as especulações dos nossos sabios ficam estereis sepultadas nos livros, e servem quando muito a satisfazer infructiferas e frivolas vaidades intellectuaes.

A maior parte dos grandes proprietarios territoriaes portuguezes ignora até as praticas mais triviaes e ordinarias da agricultura, e mui poucos homens instruidos (se alguns) se occupam em Portugal de dirigir elles mesmos os trabalhos de lavoira das suas fazendas, ou as tão variadas como uteis e divertidas operações e transformações da industria e economia rural.

Por isso a agricultura, não obstante ser a mais antiga, a mais util, a mais excellente de todas as artes, acha-se geralmente em Portugal no mesmo estado em que ahi estava ha seculos; e da industria moderna, que se applica em variar, multiplicar, e transformar os productos agricolas, para lhes dar valor, e manter em constante equilibrio o rendimento dos predios rusticos, quasi que não ha idéa entre nós.

Na falta porém de eschólas praticas de agricultura, e de predios rusticos, ou granjas normaes, de que inda ninguem se lembrou em Portugal, que nos conste (1), appellamos para os proprietarios intelligentes,

(1) Já houve quem fizesse um lastimoso rol das occasiões perdidas para provar a impericia e deploravel incuria dos governos de Portugal, e se aquelle acerbo censor vivesse ainda, teria por certo hoje de augmentar bastante aquelle rol. Teve o governo agora á sua disposição uma rica massa de predios ruraes, e nem elle, nem nenhum dos membros das camaras legislativas, nenhum dos homens que se jactam de progressistas, teve ainda a idéa de applicar algumas dessas propriedades ao estabelecimento e *dotação* de eschólas theoricas e praticas de agricultura, de predios agricolas normaes em cada provincia, que servissem para a introducção de novas plantas uteis, de novas arvores, de novas fructas, de novos instrumentos, de novos processos de lavoira, — para favorecer a criação de gados, e o melhoramento das raças, — para ensinar e generalisar a fabricação de queijos e manteiga, — finalmente para fazer palpar pelo exemplo aos nossos lavradores as vantagens de variar as suas culturas, de diversificar e multiplicar os productos da industria rural, e de sahir das idéas mesquinhas e acanhadas que os induzem a considerar somente como elementos de sua riqueza o pão, o vinho, o azeite, e alguns poucos generos mais. O aproveitamento dos bens nacionaes para fundar e *dotar* convenientemente, sem gravame da nação, eschólas de agricultura e de veterinaria, predios ruraes normaes, bibliothecas publicas em todas as principaes cidades e villas do reino, e outras instituições similhantes de utilidade certa e immediata, seria por ventura o unico proveito que á nação resultaria das espoliações e eversões dos estabelecimentos monasticos, e seguramente o meio de supprir a falta que delles se sentirá no interior das provincias, onde elles eram a bem dizer os unicos focos e vehiculos de instrucção. Não póde haver duvida de que as creações que acima indicámos seriam infinitamente mais proveitosas que as Academias de Bellas Artes, os Conservatorios, as Polytechnicas, e outras papelonices e superfluidades, que devemos á funesta praga do servilismo imitativo, que tende a destruir e abastardar o nobre e glorioso espirito da originalidade portugueza, e que tão fatal tem sido á misera nação. Em vez porém de aproveitar os bens nacionaes em instituições de utilidade certa e permanente, tem elles sido esbanjados e malbaratados com incrivel leviandade, e lançados em massa no mercado; occasionando assim, a par de uma perda enorme para o thesouro, a depreciação dos bens de raiz, a alteração consequente da relação natural e necessaria do preço dos fructos da terra com o valor d'ella, a perturbação connexa e inevitavel de todas os outros valores de que se compõe a riquesa publica, e a depressão violenta das fortunas e posses individuaes, de que tem resultado tantas miserias, e tantos estorvos ao progresso e desenvolvimento da prosperidade geral; erro calamitoso, de que nem ao menos nos livrou o exemplo bem conhecido dos Estados Unidos, cujo governo, para evitar os males inherentes á depressão do valor da propriedade territorial, se acautela judiciosamente de expor á venda, nos casos de grande aperto do thesouro, mais que uma porção limitada de bens nacionaes, não obstante serem esses bens hermos incultos, e não terras já amanhadas como em Portugal. E que bem dimanou ao povo do voraz sorvedouro, que tragou não só os bens das ordens re-

os quaes acharão seu proveito na cessação da pratica barbara do varejo. Com effeito, para disso se convencerem, bastará que façam a experiencia, destinando certo numero de oliveiras para serem varejadas segundo o methodo usual, e outro numero egual para serem ripadas; todas por quatro annos. Então tomarão nota exacta e separada, tanto da despeza feita com o apparelho da azeitona, dos dois grupos de oliveiras, destinados á experiencia, pelos dois modos de varejo e da ripa ou colheita á mão, como da quantidade da azeitona produzida pelos ditos grupos, durante os quatro annos da prova; e estamos certos que acharão, que o excesso de despeza que fizerem com o apanho á mão, será amplamente compensado pelo augmento do producto, não obstante que este augmento se não manifestará tanto nos quatro annos da experiencia, como progressivamente á medida que as arvores, ripadas e não fustigadas, se forem copando e tornando mais frondosas.

Para effectuar a colheita á mão aconselharemos o methodo seguinte: ajustar-se-ha um certo numero de rapazes de 10 a 15 annos de idade para fazerem esta colheita de empreitada, pagando-lhes a rasão das medidas de azeitona que riparem. Estes rapazes serão providos de escadas de tesoura, e de cestas de aza com seus ganchos ou cambos de páu, e uma corda para descerem commodamente as cestas quando estiverem cheias. Com estes rapazes se mandará um homem, pago a jornal, que terá a seu cargo ajudar os rapazes na mudança e collocação das escadas, receber e despejar as cestas em m ntes, que serão differentes para cada rapaz, e finalmente medir a azeitona de cada monte, pagando ao colhedor respectivo o preço convencionado. Os rapazes subindo pelas escadas, fixarão a cesta por meio do competente gancho, ou a conservarão no braço enfiada pela aza, como lhes fôr mais commodo: e segurando-se com uma mão, irão ripando com a outra, e lançando a azeitona na cesta, até a encher.

Estando a cesta cheia, a descerão com a corda, e o jornaleiro recebendo-a, a vasará no competente monte; e vasia que seja, será outra vez issada, para recomeçar a operação. Esta é a norma geral do processo, que poderá ser alterada ou modificada conforme o mostrar a experiencia. Como pela acção de ripar cahe sempre no chão alguma azeitona, poderão empregar-se mulheres para a apanhar, quando debaixo das arvores se não tenham disposto tendaes ou panos para a receber, como parece mais conveniente e economico. A principio quererão talvez os rapazes paga exorbitante, porém como se forem adestrando e fazendo expeditos, os seus ganhos maiores provocarão necessariamente a concorrencia, e desta resultará a baixa dos preços das empreitadas, com o que a colheita á mão virá por fim a ser tão barata como a do varejo (2).

Do modo de guardar e tratar a azeitona entre a colheita e a fabricação do azeite.

Em Portugal faz-se conduzir a azeitona, varejada, e contusa, calcada em sacos ou outros vasos para tulhas estreitas e profundas, ou para dornas, onde se salga para impedir algum tanto a corrupção a que se acha predisposta. O sal é mais um inconveniente para a bondade do azeite.

Grande parte dos lagares dependendo, para que a roda motora possa andar, das chuvas e torrentes do fim do outono, e a azeitona estando pela maior parte madura em Outubro, e colhida em Novembro, acontece muitas vezes que medêa grande intervallo entre a colheita e a fabricação do azeite, resultando d'ahi grande prolongação do tempo da guarda, em grave detrimento da azeitona, a qual contrahe por isso, e pelas causas em outra parte indicadas, um cheiro desagradavel e enjoativo, que se communica ao azeite, e que nunca mais delle se arranca completamente. Mas ainda quando por acaso alguma azeitona se não acha fermentada e corrupta quando se lança no tanque do lagar, o estado de sujidade e immundicie do mesmo tanque, das ceiras e de todos os utensilios do lagar, bastaria para impedir que por fortuna se fizesse algum azeite que não fosse acre, e ingrato ao paladar. Se alguem nos tachar de exagerados, queira entrar em um lagar, e se tiver bastante coragem para supportar a experiencia, ficará convencido de que é impossivel exageração em tão enorme porcaria.

Para evitar estes inconvenientes, é necessario adoptar uma pratica inteiramente differente, como a que observam os Luquezes, cujo azeite é o mais fino e o mais estimado da Europa. Esta pratica é a seguinte: A azeitona que se vai colhendo, vai sendo conduzida para armazens ou celleiros, bastante grandes e bem arejados, nos quaes se espalha em camadas de não mais de duas polegadas de altura, e ahi se conserva

ligiosas e militares, mas até os estabelecimentos creados pela previdente e benefica sollicitude das gerações passadas, para alliviar as futuras, e eximir para sempre a nação de dotações e custeamentos, que de novo tem de pezar sobre ella? Que proveito se manifesta destas dilapidações, a não ser a ceva de algumas tisicas sanguesugas, que surdiram dos charcos revolucionarios para se afferrarem á pelle do pobre povo, de cujo sangue estam inchadas? Em Portugal realisou-se agora a fabula do nescio ambicioso, que matou a gallinha que punha os ovos de oiro, e nem sequer do ovario se souberam aproveitar?

(2) Não aconselhamos aos proprietarios, resolvidos a fazer o apanho á mão, que tratem de dispor para isso as arvores por meio de alimpadores, antes de passados dois annos de exercicio daquella pratica, para dar tempo a que as ditas arvores se refaçam dos damnos das flagellações passadas, e então se veja melhor quaes são os ramos que convém podar. A fórma mais accommodada para o apanho á mão é a que se aproxima quanto possivel da espherica, vasia no centro, ou, para nos fazermos melhor entender, a de uma tigella montada sobre uma hastea, representando a primeira a ramagem da oliveira, e a segunda o tronco. O fructo será então produzido pela parte concava e convexa da arvore, sem ramificação para o centro, o qual nunca dá novidade, ou dá mui pouca. Assim são limpas e dispostas as oliveiras da Toscana e de mais alguns paizes da Italia, e quando chegam a esta fórma, o apanho á mão é tanto ou mais barato que o do varejo, aliás tão daninho. Tornamos a advertir aqui que quanto mais for lavrada e remexida a terra dos olivaes, tanto mais abundante será a safra, menos azeitona cahirá com o calor, e mais frondosas e grandes serão as arvores. As sementeiras de tudo quanto se colhe verde são particularmente proveitosas; mas não as das plantas que chegam a secar na terra, como em geral os cereaes, excepto quando são destinados a verde, pois que neste caso é muito vantajoso colher o verde, e lavrar logo a terra.

a enxugar por espaço de seis ou oito dias, mais ou menos, segundo que o tempo é mais ou menos quente e humido; tendo porém cuidado de a revolver e arejar duas e mais vezes por dia, de maneira a prevenir a fermentação, ou que aqueça, sendo antes preferivel que engilhe, posto que tambem não convenha que deseque demasiado. Em todas estas operações é necessario attender sempre a não pizar nem machucar a azeitona, e a que os cabazes e mais utensilios estejam perfeitamente limpos e sem máo cheiro.

Do modo de fazer o azeite.

Colhida e conservada a azeitona pela maneira acima referida, leva-se ao lagar para ser moida, e se lhe extrahir o azeite. Nesta conducção se observam todas as precauções acima recommendadas, tanto relativamente ao aceio dos vasos, como á conservação da azeitona em bom estado; para o que é mister que não vá calcada nem pizada; por quanto ficando muitas vezes demorada nos vasos antes de se deitar a moer, poderia ahi entrar facilmente em fermentação, e absorver qualquer cheiro que tivessem os mesmos vasos, em grande detrimento do azeite.

O azeite fino ou virgem deve ser feito da polpa vegetal da azeitona, sem mistura do oleo proveniente da amendoa do caroço, que é naturalmente acre, e indigesto. Já se vê que para isto é necessario que o lagar seja differente dos nossos, e seja como os mais modernos e perfeitos, que existem no ducado de Lucca.

Em quanto porém não houver em Portugal estes lagares aperfeiçoados, poderá e deverá sempre fazer-se nos antigos duas qualidades de azeite. Para isto cumprirá que se faça uma primeira moenda superficial, de maneira que della saiam intactos os caroços todos, ou o maior numero possivel delles, e que só a polpa ou carnosidade vegetal das azeitonas fique esmagada e amassada. Desta massa se encherão as ceiras, que se espremerão na prensa do lagar, segundo o methodo ordinario. O bagaço que ficar nas ceiras será outra vez lançado no moinho para se completar a moenda dos caroços, e desta nova massa se fará o azeite de segunda qualidade. Cumpre advertir que a pressão para o azeite virgem deve ser feita docemente, pouco a pouco, e não violentamente de pancada, para evitar que não passem com o azeite substancias mucilaginosas e vegetaes da polpa, que lhe communicariam um sabor desagradavel. O liquido espremido recolhe-se em baldes ou tinas, deixa-se assentar, e quando o azeite vem á superficie, decanta-se, ou se tira com colheres os utencilios proprios para este effeito, coa-se por um ou dois peneiros, e guarda-se em vasos convenientes, bem limpos, e que não reçumam, para evitar que o azeite não adquira ranço pelo contacto do ar ambiente.

. . . . . .

Terminaremos esta Memoria com algumas reflexões de um dos contribuintes della, patriota fervente e douto, ajuntando-lhe alguns additamentos que nos occorreram ao escrevêl-a.

Nos tempos antigos, dizia elle, os francezes e os italianos faziam o azeite como nós o fazemos ainda, e o nosso então era como qualquer outro; mas tendo elles aperfeiçoado a fabricação deste artigo, não só nos alcançaram em um producto em que deveriamos ficar sempre superiores, mas até venceram a vantagem natural que nos liberalisou a natureza, a ponto de nos desalojarem do mercado quando se trata de azeite para comer, e mesmo para candieiros de luxo. Facil é de saber o preço que tem em Londres o azeite virgem de Italia, e mesmo da Provence em França, em comparação do nosso, apesar de que o francez é raras vezes puro, e quasi sempre se vende misturado com oleo de semente de nabo e de outras plantas.

Por muito tempo foram os direitos banaes um grande obstaculo ao aperfeiçoamento popular do nosso azeite, porque impediam a existencia simultanea do principio vital dos melhoramentos, « o interesse individual, e a concorrencia que o vivifica, e que força a intelligencia a escrutar e inventar meios de superar as rivalidades que prejudicam a esse interesse. » Hoje que esse obstaculo já não existe, e que cada qual é livre de fazer o seu azeite como e quando lhe apraz, cumpre que todos vão tratando de conhecer e de praticar os processos que podem augmentar a sua riqueza, e a da nação.

Convém ao interesse particular, como ao geral, que se criem valores, permutaveis em dinheiro ou em outros valores ou effeitos, que favoreçam o commercio interno e externo, que vivifiquem e accelerem as suas operações, e que pelo effeito natural de uma mais rapida circulação do cabedal nacional, multipliquem este na rasão directa dessa acceleração.

Quanto ao commercio interno, é impossivel a sua existencia *activa* sem meios de communicação e de transporte baratos, faceis, seguros e promptos; mas é certo tambem que elle nunca será de grande importancia em quanto dentro do reino mesmo não se produzirem muitos e variados objectos, susceptiveis de se trocarem uns pelos outros, quer directamente em natura, quer indirectamente por via de uma operação intermedia em dinheiro. Com effeito quando todos produzem as mesmas coisas, claro está que falta a materia e a causa original das permutações ou do commercio. Pelo contrario, se ao lado dos productores agricolas, por exemplo, se acham productores mechanicos, fabricantes, artifices, estes offerecem os productos da sua industria em troca dos productos da industria do lavrador, e assim se satisfazem as necessidades reciprocas de uns e outros, com proveito de todos, e augmento da riqueza e da população nacional.

As nações a que quadra o epitheto de agricola, são sempre diminutas de gente, e por isso nações similhantes parecem hoje na Europa um phenomeno, não menos deshonroso que arriscado. Dizemos arriscado, porque sendo da natureza das nações agricolas (fallamos de nações antigas) que a sua população se conserve em um estado de permanente immobilidade, que não padece alterações numericas sensiveis, se as outras nações augmentam em gente pela criação e apropriação da industria fabril, é evidente que se alteram as relações de força e podêr que entre ellas havia, tornando-se a primeira relativamente mais fraca e menos poderosa, e ficando por conseguinte mais exposta ás aggressões e tentativas das outras, contra seus interesses ou sua independencia politica. Mas sem nos alargarmos mais em um assumpto, a que

insensivelmente nos levou o amor de nossa gloriosa nacionalidade, tratando de outro que tão alheio delle parecia, não podemos com tudo resistir á tentação de offerecer aqui aos nossos compatriotas alguns themas, que recommendamos á sua meditação, e cjua demonstração, aliás facil, nos faria aberrar demasiado de nosso proposito.

Portugal não tem uma independencia inteira e absoluta.

Portugal póde adquirir essa independencia, dobrando ou triplicando a sua população, susceptivel de maior crescimento ainda, sem aperto nem demasia.

Mas esse augmento de população só se póde obter pela apropriação da industria fabril, de que essencialmente depende.

A industria fabril não se cria nem se desenvolve sem o auxilio de uma forte protecção fiscal e administrativa, como se prova pelo exemplo historico das nações que a possuem, e especialmente da Inglaterra, que ao systema protector, em gráu eminente, e por ventura excessivo, deve a sua grande superioridade e riqueza industrial.

A população fabricante abre um novo mercado aos productos da terra, e tende por isso a libertar a nação da deploravel necessidade de comprar o consummo e a venda desses productos nos paizes estrangeiros, pelo alto preço de sacrificios, e de estipulações, cujo menor inconvenienie é o de serem onerosas, ou fallaces, quando nos concedem illusorias reciprocidades.

O melhoramento e perfeição dos productos da agricultura é outro meio de forrar a nação a esses sacrificios, tendo-nos a natureza liberalisado com mão generosa tantas excellencias, que se dellas soubermos aproteitar-nos, nossos generos serão em toda parte procurados e preferidos aos outros da mesma especie nos mercados estrangeiros.

Um delles, que muito carece de ser aperfeiçoado, é o azeite, que quando for bem feito, poderá não só affrontar a concorrencia do italiano, mas extinguir ou diminuir consideravelmente a do francez nos mercados de Inglaterra, do norte da Europa, e da America. Para este aperfeiçoamento muito concorreria o estabelecimento e propagação de atafonas ou engenhocas construidas segundo o mesmo principio do lagar descripto nesta Memoria, e que podessem trabalhar com um cavallo, ou um boi.

O essencial é que estas engenhocas tenham meio de separar a polpa, do caroço, para da primeira se fazer o azeite virgem, destinado para comer, e do bagaço, novamente triturado com os caroços, o azeite proprio para luzes e outros usos.

A multiplicação destes pequenos lagares obviaria á necessidade da accumulação, e da prolongação excessiva e damnosa da guarda da azeitona nos armazens ou celleiros, antes de ser exposta á moenda, facilitando a fabricação do azeite em pequenas porções, e á medida que a azeitona se fosse apanhando.

Advertiremos por fim que a exportação do azeite fino deve ser feita em vidros, ou em vasos de barro, que não reçumam, e perfeitamente arrolhados.

Todos estes cuidados e trabalhos serão amplamente recompensados pelo preço maior que o azeite portuguez ganhará em todos os mercados.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

RECORDAÇÕES DE ITALIA.

VIII.

De Genova a Pavia.

(Continuado de pag. 439.)

423 A primeira coisa que vi apenas sahi do *hotel* foi um anão risonho, e de agradavel phisionomia, arranhando grotescamente as cordas de uma viola. Não tomei o encontro como um mau agouro, porque em Italia o genero anão abunda, talvez por um daquelles admiraveis caprichos da natureza, que cançada de produzir o bello, tambem não desdenha de conceber o ridiculo e o hediondo.

Depois parei um momento a contemplar as ameias do castello dos Visconti, monumento admiravel que marca um dos episodios dessa grandiosa lucta entre os dois gigantes do seculo dezeseis — Carlos V e Francisco I.

Como a imaginação se me embebeu de repente naquellas scenas magestosas, que me haviam produzido tanto enthusiasmo, e tanta indignação, feito derramar tantas e tão amargas lagrimas, quando era criança!

Esta animosidade alimentada d'um lado pelo genio aventuroso de Francisco I, e do outro pela doblez politica de Carlos V, durou vinte e oito annos!

Ironia e decepção dos acontecimentos humanos! Francisco I morreu em Rambouillet, victima da devassidão de seus costumes: Carlos V, em S. Just, minado pelo cansaço da sua ambição insaciavel.

Pavia é celebre sobretudo pela sua universidade, tão turbulenta na edade-media, quasi como a de Paris, e que tem dado, nos tempos modernos, o seu contingente de gloriosos martyres pela causa eternamente justa da independencia e liberdade italiana.

Estava fechada naquelle momento aos estudos academicos, mas abriu-se á nossa curiosidade, pelo influxo poderoso de alguns francos habilmente repartidos pelos seus sedentos *ciceronis*.

O gabinete de anatomia affirmam ser riquissimo, e eu, completamente hospede nas sciencias medicas, pareceu-me que esta affirmação nada tem de atrevida nem de inverosimil.

Eu não sei que haja espectaculo, que abata mais o orgulho humano, engrandecendo ao mesmo tempo o poder mysterioso dessa causa final a que chamâmos Deus, de que a exposição dos segredos da anatomia humana.

É a negação do bello, a soberania da morte e do nada, a classificação hedionda de uma sciencia indiscreta, e impia, que nos rasga as illusões, sem piedade nem misericordia.

O craneo de Abeilard, alli, differençar-se-ha do de um hottentote, pelo acaso de uma curva, difficilmente appreciavel á primeira vista. A bossa da *amatividade* de *Heloisa*, talvez não desdiga muito da do Marquez de Sade. O medico ou é fanatico, ou atheu: aquelle exame ou nos aproxima do céu, ou nos faz renegar da immortalidade.

Ha sobre tudo na ultima sala, me parece, exposto um exemplar do corpo de uma mulher, em cêra, notavelmente bello, expressivamente concebido pela imaginação do artista. É uma virgem pallida, com os olhos cerrados pela morte, com os cabellos loiros pudicamente estendidos pelo collo, com os labios entre-abertos tão suavemente, que dir-se-ha que o ultimo sopro da vida foi apenas um suspiro de amor, ou de saudade terna e resignada.

Ficaes parado, admirando com sincera commoção aquelle cadaver, que parece haver adormecido n'um pensamento celeste: mas dura breve este extasis: a mão do guarda levanta um panno que a cobre a meio-corpo, e vêdes as entranhas daquella bella virgem, repugnantemente representadas, e asquerosamente exactas: as exigencias da sciencia mata-vos as impressões da arte.

Não me admira que em certas eras, se perseguissem os cultores da medicina. A vista d'um gabinete de anatomia tem alguma coisa de infernal e de hediondo. Crâneos symetricamente dispostos de um lado: entranhas embalsamadas, certos orgãos conservados dentro de vidros, esqueletos inteiros d'outro lado: e alli o principio da egualdade é ainda mais synistramente verdadeiro do que n'um cemiterio: o craneo do sabio está collocado junto do craneo do assassino: a cabeça virginal, que talvez não fosse perturbada por um pensamento voluptuoso, repousa ao pé da cabeça ardente, devorada pelas impressões do vicio, e da devassidão. Sae-se com um attaque de *spleen*, corre-se a pedir aos esplendores da natureza, e da arte um sopro que nos reanime o coração, e nos salve deste abatimento moral.

E como era bello aquelle dia de outono, como estavam viçosos os prados, como aquelle ar puro se respirava com prazer, e com delicia! A Lombardia é uma vasta planicie, sempre verde, bordada de canaes, e de excavações de irrigação: se a natureza é monotona, se a vista não abraça a perspectiva encantadora das montanhas, tudo se desculpa, quando nos lembramos da prodigiosa actividade, da incançavel industria, que enriquece e desenvolve essa população, comparativamente, a mais uumerosa, talvez, do mundo.

Foi nos arredores de Pavia, que o genio encyclopedico de Leonardo de Vinci traçou e edificou a primeira comporta!

Como era poderosa e vasta aquella intelligencia soberana, que lia no céu os segredos dos astros, que imaginava e conhecia na terra as mais ousadas construcções, que com a mesma mão com que revelava ao papel as impressões de sua alma, immortalisava na téla os sonhos do seu ideal!

Leonardo de Vinci morreu nos braços de Francisco I. Bello assumpto, para um pintor inspirado, representar o genio expirando no seio da gloria!

E aqui me lembra contar uma anecdota, que eu li ha muito tempo, e que segundo o ditado italiano, *si non è vera è bene trovata*.

Ninguem ignora que uma das obras primas de Leonardo de Vinci é o retrato de *Lisa del Giocondo*. Ora, o original deste retrato existia, e affirmam que Francisco I, que o comprou pela somma consideravel de quatro mil escudos, emprehendeu a guerra do Milanez, menos pelos frageis direitos de sua avó Valentina de Milão, do que pelos bellos olhos de uma certa dama milaneza, de que lhe haviam gabado a formosura. Não seria impossivel que essa dama fosse *Lisa del Giocondo*, e que o painel de Leonardo de Vinci accendesse innocentemente uma guerra que tão renhida e disputada se tornou, com o andar dos tempos.

Quem tem tido a desgraça de andar envolvido nas coisas politicas, conhece como os maiores acontecimentos dependem, ás vezes, dos mais insignificantes motivos: e demais Francisco I possuia pelo bello sexo um desses cultos inconsiderados, e ardentes, que nos conduzem ao heroismo, ou á infamia: ás vezes, a ambas as coisas, a um tempo.

Francisco I e o *tout est perdu fors l'honneur* — veio-nos á memoria, quando estendemos a vista pela vasta planicie que rodêa a cidade de Pavia. Aquella terra bebeu o sangue de muitos bravos! Aquella vegetação viçosa, e verdejante, alimenta-se — quem sabe? — das cinzas de mil heroes!

A imagem da guerra ainda assim, vigia sempre sobranceira e ameaçadora, sobre as impaciencias de liberdade, e as aspirações de independencia, que palpitam no coração dos lombardos. Vimos reluzir os sabres dos *hussards* hungaros, que em numero de trezentos, faziam admiraveis manobras de cavalleria, com aquella precisão e velocidade, que os recommenda na arte da guerra.

E não admira! aquella lingua fez-se para o cavallo, e se os cavallos fallassem, não podiam deixar de fallar aquella lingua! É um abuso de consoantes, determinado em sons de garganta, em syllabas asperas, que arripiam o nosso ouvido meridional, acostumado aos vocabulos melodiosos e ás construcções musicaes.

E todavia, naquelles rostos de um branco deslavado, naquelles cabellos louros, crespos e grossos, naquelles torsos, duramente affeiçoados, não ha ainda um não sei que do antigo barbaro, quando se arremessava, nú e delirante, ás phalanges romanas?

Eis o grande perigo da civilisação moderna! A obediencia militar exercida sobre aquellas populações, mal libertas ainda das faxas de uma eterna infancia, concede uma força desmedida aos velhos poderes, ao espirito da oppressão e do despotismo. Esses homens maquinas, que não se enthusiasmam por um principio, que os não alenta uma grande idéa, vão tornar-se um instrumento tremendo, em nome da disciplina, e nas mãos do governo monarchico.

Voltemos para Pavia, que a vista dos soldados deu-me um destes attaques de ira, e de rancor democratico, que me fazem arder a cabeça, e me extenuam o systema nervoso.

Admiremos a fachada da igreja de *S. Francisco*, que pertence ainda ás eras da media idade: e partamos para o *hotel della Lombardia*, a vêr se o aspecto da gentil viajante me dissipa este accesso de máu humor politico.

Quando avistámos as veneraveis ameias do castello dos Visconti, tomei eu um aspecto solemnemente heroico, cruzei os braços, ergui a cabeça, e exclamei: «Francisco I disse: *Tout est perdu, fors l'honneur*:» eu digo neste momento: *Tout est perdu, fors l'appétit*.

Eram quasi dez horas, e os movimentos da diligencia repetiam-se-me agora no estomago com uma viva-

cidade incrivel. A *bête* hia tomando uma notavel superioridade sobre a sua inevitavel companheira *l'âme*. Escuso dizer-vos que esta espirituosa distincção é de Xavier de Maistre.

Era um almoço no genero italiano, e por elle só, se podia calcular o gráu da civilisação deste paiz. Quando a arte culinaria chega a um certo ponto de perfeição, é evidente o adiantamento da nação, aonde ella floresce. Homero pintando-nos Agamemnon puchando pela perna do boi assado inteiro, denuncia melhor assim, por aquelle simples facto, os tempos primitivos da sociedade grega, do que por longas dissertações ou sublimes apostrophes.

As vinte ou trinta especies de salame, o presunto cortado em fatias imperceptiveis, os *fungghi trifolati*, as deliciosas frituras, n'uma cidade de segunda ordem, podiam deixar de converter o meu coração, e a minha cabeça ao genio italiano, mas de certo seduziam sem remissão o meu estomago.

Não que eu exagere este culto pela mesa até á incrivel obstinação gastronomica de um inglez. Já vistes um habitante da Grãa-Bretanha mascando um *ortolan aux truffes*, ou saboreando lentamente um copo de Madeira ou Porto, com um sem numero de gestos de approvação silenciosa?

Se isso vos não produz um attaque decisivo, intenso de *spleen*, possuis nervos de uma milagrosa condescendencia moral. Felizmente nem a sombra de um inglez veio incommodar esta refeição appetitosa, alegremente finalisada pelas libações de um vinho de Asti *spumanti* que é, a meu vêr, o unico vinho da Italia do norte, que póde ser apreciado por um paladar, costumado aos deliciosos vinhos da Peninsula hispanhola.

A cidade estava triste, e quasi deserta. Assim como uma campina viçosa, quando o nordeste requeima as plantas, e as amarallece ao seu contacto devorador, tal é o effeito de uma revolução baldada e desditosa, sobre o espirito de uma população.

Pobre Italia! Hontem tão animada de esperança, tão fervente de enthusiasmo, tão audaz nos desejos, tão temeraria nas lides da guerra: hoje, vendo o penacho do croata roçando as pedras dos seus monumentos, e o mosquete do austriaco ameaçando as suas aspirações generosas de independencia e liberdade!

Oimè quante ferite
Che lividor, che sangue! oh qual ti veggio,
Formosissima donna! Io chiedo al cielo
E al mondo: dite, dite;
Chi la ridusse a tale? E questo é peggio
Che di catene ha carche am be le braccie;
Si che sparte le chiome e senza velo
Siede in terra negletta esconsolata
Nascondendo la faccia
Tra le ginocchia, e piange.
. . . . . .
. . . . . .

Chora! chora! ó minha Italia, que não tarda o dia em que mãos robustas te enxuguem o pranto, em que a tua face vergonhosa se mostre radiante pelo esplendor de uma idéa, em que, livre e poderosa, entões o canto immortal da emancipação democratica!

Essas lagrimas não são perdidas, que engrossam a corrente da revolução, e vão marcar com traço indelevel a fronte dos teus oppressores.

Ó minha Italia, ouve o que o grande tribuno disse do exilio, que é o throno de gloria da sua incansavel dedicação: «Mais val uma hora de communhão n'um grande pensamento com um povo que resuscita, que uma existencia inteira na solidão de um throno ameaçado por uns, e despresado por outros.»

Crê e espera!

LOPES DE MENDONÇA.

(Continúa.)

UM CAPITULO DA HISTORIA CONTEMPORANEA, OU A ENTRADA DO MARECHAL SOULT NO PORTO EM 1809.

(Continuado de pag. 455)

424 Dizia o marechal, que as forças que tomaram o Porto, orçariam por pouco mais de metade dos seus 24,000 defensores, e a sua asserção aproxima-se muito da exactidão. A sentença que rehabilitára a memoria de B. Freire, dá a Soult, quando na direita do Minho, pelo menos 18 ou 20,000 homens. Ora, deduzidas as guarnições deixadas em Tuy, Chaves, Braga, e nos mais pontos aonde eram indispensavis para guardar as communicações; descontados os mortos, feridos, doentes e extraviados, durante o longo circulo traçado, desde a foz do Minho até á do Douro, por certo que as tropas francezas, entradas no Porto, não excederiam de 14 a 16,000 homens. Em apoio desta opinião dos vogaes do conselho e de Beresford, vem uma auctoridade tão insuspeita, quão respeitavel, o Sr. Thiers, que no liv. 23 ficou pouco áquem da tomada do Porto. Assegura-nos elle que Soult em 2 de Janeiro tinha 24,000 soldados effectivos, os quaes iam subir a 30,000: como porém depois disso tiveram logar as importantes operações da Galiza, de que resultára a derrota e o embarque do exercito britannico de Moore, a tomada da Corunha, do Ferrol, de Vigo etc., com a dispersão da gente de la Romana, e semilhantes triumphos se não obtiveram sem graves perdas, segue-se que o exercito do duque da Dalmacia, não obstante o espaço (pouco mais ou menos de 20 de Janeiro a 20 de Fevereiro) que o imperador lhe dera para descançar e se reorganisar, em fins de março, depois de novas marchas e novas pelejas, senão de perigo, ao menos de perda, devia achar-se sensivelmente enfraquecido (57).

(57) O Sr. Thiers no liv. 33 da Hist. do Cons. e do Imp. conta que o imperador confiára a Soult a per-

Resultam de tudo o que temos dito as seguintes illações: 1.ª, que o chamado exercito do Porto constava, pouco mais ou menos, de 24,000 homens, todos portuguezes, incluindo mui raros soldados de primeira linha, completamente desmoralisados, e alguns milicianos ainda em peior estado, e porção enorme de paisanismo e guerrilhada, cuja presença cruelmente aggravava as amarguras da situação; accrescendo que a auctoridade militar residia, ou devia residir, n'um homem que não tinha cabeça nem vontade, cidadão talvez mui probo, porém militar fraco e inepto, dominado por outro homem, que valeria muito para o claustro, ou na sua cathedral, mas sem nenhuns predicados para capitão; e 2.ª, que Soult conduzira, ante os muros portuenses, de 14 a 16,000 soldados, senão encanecidos nas fileiras, pelo menos já bem avezados á guerra, optimamente disciplinados, armados, e commandados.

Ora, sendo estas consequencias rigorosas, como na verdade são, digam os homens sensatos aonde fica a *grande batalha* de que tanto alardeia Norvins!.... Restabelecidos assim os factos este panegyrista desce nimiamente baixo, e rediculisa o heroe para quem somente buscava loiros. Aquelles 14 a 16,000 francezes, conduzidos pelo duque da Dalmacia, ou por qualquer outro dos bons generaes do imperio, podiam sem nenhuma admiração conquistar o Porto, ainda que ahi o esperassem 60 ou 80,000 *combatentes* iguaes aos que lá achou aquelle general. Nem seria a primeira vez que isto succedesse. As proezas dos dez mil gregos de Marathona, as dos dez mil de Xenofonte, assim como as dos oito mil suecos de Carlos XII em Narva, não pertencem ás Mil e Uma Noites; os mosteiros da Batalha e de Belem, em Portugal, attestam façanhas não menos grandiosas; e tambem a historia de Napoleão appresenta mais de um exemplo desses sublimes esforços de valor e audacia.

Quaes, ao certo, fossem as perdas dos invasores e invadidos no dia 29 de Março, ignoramol-o, como ignoramos varias outras particularidades desta invasão, porém de um e outro lado a perda devia ser pouco mais ou menos igual á resistencia, queremos dizer insegnificantissima.

Que pouco ou nada se resistira, infelizmente ninguem com seriedade o contesta, e o silencio de Norvins a similhante respeito contradiz a sua emphatica linguagem. Parece que elle só fez consistir a grandeza da tal *batalha*, em ser *dada* por um general de mitra e baculo, bem como no quasi mudo apparato das 200 peças de artilheria, que, em verdade, unicamente serviam para enfeitar as narrações dos escriptores franzezes.

Se precisaramos provar que os invasores, sem nenhum custo, saltaram as trincheiras, bastar-nos-hia o seguinte documento, que não deve escapar á historia. Depois da tomada da cidade, mandou Beresford meter em conselho de guerra o brigadeiro Caetano José Vaz Parreira, accusado de incapacidade ou negligencia no seu dever, durante o tempo em que foi governador interino das armas da cidade do Porto, particularmente desde 23 a 29 de Março de 1809. Os principaes capitulos da accusação eram estes: 1.º, não ter feito esforços sufficientes para reprimir a conducta tumultuosa do povo: 2.º, ter feito má distribuição da tropa, não obstante as representações que lhe fizeram os officiaes que foram alli mandados pelo marechal (58): 3.º, não ter recebido como auctorisados, nem attender, os ditos officiaes em pontos de serviço,

seguição dos inglezes por se achar este mais perto delles, do que Ney que ainda marchava de Benavento para Astorga, e que o exercito do primeiro em 2 de Janeiro compunha-se das divisões Merle, Mermet, Delabord e Heudelet, incluindo-se nas duas ultimas todo o corpo de Junot desembarcado em França; que ambas as primeiras divisões eram excellentes, e que as outras, se bem formadas só de conscriptos ainda rapazes, já durante a primeira invasão de Portugal se haviam aguerrido; que as quatro divisões appresentavam um todo de 30:000 homens com a respectiva artilheria, os dragões de Lorge, os de Lahoussay, e a cavallaria de Franceschy (toda a cavallaria quatro mil cavallos); e finalmente, que antes da reunião de Heudelet sómente 24:000 homens seguiam Soult.

(58) Beresford foi nomeado marechal e commandante do exercito portuguez por decreto de 7 de Março de 1809, como se verá consultando o Indice Chron. de J. P. Ribeiro tom. 5.º pag. 295. Os capitulos appresentados no conselho de guerra contra Parreiras constam da ordem do dia de 7 de Março de 1810, d'onde textualmente para aqui os trasladamos. Os officiaes mandados por Beresford ao Porto, e que o governador não quiz escutar eram inglezes, e estes constituiam todo o exercito britanico que estava na cidade, não arrojado de Braga, como quer o biographo S. Prouve, senão enviado de Lisboa. O exercito inglez que depois da expulsão de Junot continuára a residir em Portugal, era do general Moore, e nós já vimos em que estado essa força a 17 e 18 de Janeiro foi na Corunha embarcar para Inglaterra.

quando tinham sido nomeados para communicarem com elle a este respeito: 4.º, não ter publicado que S. A. R. tinha nomeado o Sr. marechal para commandante em chefe do exercito, não obstante haverem-lhe pedido isto os sobredictos officiaes: 5.º, não ter tomado medidas de segurança, faltando a postar guardas avançadas, a formar uma reserva, e mandar fazer parapeitos nas baterias que os precisavam, permittindo assim que o inimigo se approximasse *sem resistencia*, e facilitando a tomada da cidade: e 6.º, ter abandonado o seu posto no dia 29 de Março antes de haver completa necessidade, não fazendo esforço algum por animar a tropa e o povo, e não ter tomado medidas para reunir os que fugiam.

Só á vista do processo poderiamos positivamente decidir se estas gravissimas culpas se provaram ou não, no entretanto a presumpção legal exigir-nos-hia a negativa, uma vez que Parreiras foi absolvido. Todavia, como a presumpção ha de ceder á verdade, esperamos na mesma ordem do dia de 7 de março de 1810 achar indicios assaz vehementes para nos habilitarem a asseverar, que similhante absolvição fôra desmerecida.

Costumava Beresford em seguimento ás ordens do dia fazer publicar na sua integra as sentenças dos conselhos de guerra, quer estas absolvessem, quer condemnassem; mas desta vez afastou-se da regra estabelecida, o que n'um official de caracter tão severo, independente e perseverante, significa alguma coisa. Este procedimento ha de maravilhar ainda mais, quando se reparar que elle não concordou com os juizes de Parreiras, manifestando o seu pensamento nos seguintes mui energicos termos da precitada ordem do dia 7 de março.

« O conselho o deu (a Parreiras) por plena-
« mente justificado, e não manda o Sr. marechal
« publicar a sentença em toda a sua extensão,
« porque *contém coisas estranhas*, porém observa
« o Sr. marechal que este conselho (como mui-
« tos outros) se occupou mais em julgar as pes-
« soas que depozeram, do que o accusado, pro-
« cedimento que o mesmo senhor desapprova, e
« manda ajuntar a referida confirmação dada á
« sentença do conselho de guerra — Confirmação
« — Confirmo a sentença do conselho de guerra
« que absolveu o brigadeiro Caetano José Vaz
« Parreiras, porém *não approvo a sua conducta*
« *militar no tempo do seu interino governo das*
« *armas do partido do Porto principalmente desde*
« *o dia* 23 *de março até* 29, deste anno, em
« que as tropas francezas invadiram esta cidade,
« sem comtudo deixar de reconhecer os seus bons
« desejos e intenções, com que se houve no tempo
« do seu commando. Quartel general em Thomar,
« 23 de dezembro de 1809. (Assignado) W. C.
« Beresford. »

A publicidade desta sentença era altamente reclamada pelas conveniencias publicas. Por ella já se poderia julgar da imparcialiadade e rectidão dos juizes, e tambem o marechal se justificaria da pesada censura por elle á face do exercito irrogada assim a um official general, a quem os seus legitimos juizes acabavam de declarar innocente, como a esses juizes. Ora Beresford a respeito de tão importante processo não despresaria por este modo as conveniencias sem alguma causa forte. Investiguemol-a.

As palavras do transumpto — porque contém coisas estranhas — revelam-nos um mysterio que Beresford não julgou conveniente descobrir, mas se nós conseguirmos erguer o véo que occultou esse mysterio, provavelmente teremos achado tanto o verdadeiro fundamento daquella excepção feita a respeito da sentença de Parreiras, como o que levára Beresford a confirmar a decisão do conselho, ao passo que vitupera o homem ahi absolvido, parecendo assim contradictorio.

É notorio que D. Antonio José de Castro em todos os ramos da publica administração se arrogára uma auctoridade plena, á qual, supposto illegitima e mui mal cabida nelle, Parreiras na sua repartição não sabia, ou não ousava desobedecer; e vimos que o facto parecendo direito, fizera nascer o equivoco de diversos escriptores estrangeiros, e mesmo nacionaes, (59) que olharam o prelado como o verdadeiro governador militar do Porto.

Ora, é mui de crer que o mesmo Parreiras,

(59) O Sr. José Liberato no Camp. Port. em Lond. Tom. 3.º p. 397 ainda em 1821 escrevia — Não fallarei. . . . da celebre defeza do Porto dirigida pelo seu bispo. . . . A mania que este tinha de ser general já desde junho o perseguia. Eis o que José de Mello Pereira Corrêa Coelho então dizia na sua proclamação aos nobres cidadãos portuguezes da sempre leal cidade do Porto — « . . . Temos, fieis companheiros meus, o Exm.º *Santo* Pastor, o Sr. D. Antonio de S. José e Castro que nos guia como Bispo; com a Sacro-Santa-Cruz em uma mão, e como *General em chefe*, com a *espada na outra*, nos manda: Sigamol-o. .» Ainda que naquella data (29 ou 30 de Junho de 1808) B. Freire já se achava restituido ao seu cargo de governador das armas e partido do Porto, aquellas palavras de Jozé

vendo-se agora perseguido por crimes que entendia deverem recahir no bispo, aproveitando-se da crença geral, durante o processo imputasse áquelle toda a culpa dos seus proprios erros; é provavel que as testimunhas da accusação, temendo as iras do reverendo, ou vendo as coisas como ellas militarmente o deviam ser, poupassem o mesmo regente, e que os juizes, para quem a desastrosa influencia delle seria poderoso argumento em favor do réo, tentassem achar contradições nos depoimentos, para que, desconceituando-os, a final podessem absolver, é provavel que fosse esse irregular proceder do conselho quem déra logar á censura do marechal — occupou-se mais em julgar as testimunhas do que o accusado; — é provavel que Beresford, apesar de saber que D. Antonio ajudára a desenvolver as causas da não resistencia, com tudo receiando na sua pessoa desconceituar o governo a quem servia, ou, mais exactamente, a quem dominava, julgasse mais a proposito não publicar uma sentença que o desabonaria; é finalmonte mui provavel que o commandante em chefe do exercito, ainda confirmando a sentença, talvez para logo abafar este negocio, quizesse sustentar o seu caracter militar, estigmatisando altamente o indigno comportamento do ex-governador interino do Porto, que em vez de cumprir os altos deveres da sua profissão, se limitára ao papel de ajudante d'ordens d'um monge cartuxo.

Não ha de faltar quem reprove este nosso juizo como assente só em probabilidades, muitas das quaes talvez pareçam gratuitas. Mas a esses responderemos que aquelle feixe de conjecturas, casando-se tanto com os factos que a tradicção e os escriptores nos transmittiram, sem a menor duvida nos mostra as causas que moveram Beresford a não publicar a sentença, e a parecer inconsequente e injusto, confirmando a absolvição de um homem, que officialmente ao exercito declara culpado; e que demais, não nos consentindo a nossa posição ir compulsar os archivos militares do reino em cata do processo de Parreiras, para interpretar as preditas palavras de Beresford, só nos restavam aquelles factos, e as regras do bom senso; concluindo por declarar que se de feito nos enganámos, se haja o dito por não dito.

de Mello não exprimem só adulação, porém uma verdade. B. Freire só mais tarde obteve o mando em chefe do exercito que devia marchar sobre Lisboa, mas esta nomeação provavelmente não destruiu o supremo commando do *santo* pastor.

Compatriotas nossos que presenciaram o doloroso espectaculo da tomada do Porto, informam-nos que a noite de 28 a 29 de Março se trasladára D. Antonio do seu palacio para a Serra do Pilar, aonde por certo não dormiu no seguinte dia. Este facto prova-nos que o prelado em vez de animar as turbas, exprobrar-lhes as violencias, os morticinios da vespera, e a cobardia de agora quando á face do inimigo: que em vez de as conduzir ás trincheiras, e lhes dar o exemplo, expondo-se como o primaz D. Lourenço no dia de Aljubarrota a receber o seu gilvaz em defesa da independencia nacional, mesmo para com o seu sangue lavar as nodoas do torpe servilismo, com que sem necessidade ante o imperador dos francezes, e os seus generaes, maculára as vestes episcopaes, depois de esterilisar a mesquinha capacidade militar de Parreiras, apressou-se a transpor o rio, e a esconder nas abobadas de um convento a sua pusillanimidade, inepcia e vaidade.

Ninguem estranharia que o valor, e outras qualidades indispensaveis n'um soldado, faltassem n'um frade; mas quando esse frade posta de lado a austeridade da sua profissão, se mettia nas coisas do mundo, e surgia de entre os mortos para dominar os vivos; quando esse frade inchado pela presumpção queria ostentar fumaças de capitão, tinha o mundo todo o direito para lhe exigir que sobre o roquete vestisse a cota de armas, e que imitasse assim aquelle prelado de Braga, como tantos outros venerandos sacerdotes a quem a Nação Portugueza nas diversas partes do orbe deveu bom quinhão das suas passadas glorias. Com tudo se o Bispo do Porto não fazia grande cabedal nem da sua reputação, nem da do paiz em que nascêra, al de menos zelava-lhe os interesses materiaes. A honra de general legou-a aos francezes, porém a caixa militar levou-a comsigo. Do mal o menos (60).

Os ruins exemplos são como o contagío: assim o brigadeiro Parreiras não tardou a seguir o monge de S. Bruno.

JOÃO ANTONIO DE CARVALHO E OLIVEIRA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

THEATRO DE S. CARLOS.

425 A récita do dia 28 do mez passado, foi das

(60) Camp. Port. em L. T. 3.º p. 397.

mais brilhantes da estação. Era o beneficio de Mademoiselle Bussula, primeira dançarina absoluta. Foi uma noite de enthusiasmo pela distincta artista. As corôas, as flores e os applausos provaram que o publico se não enfastia nunca do merecimento, da graça e do estudo.

Ninguem assistindo aos applausos que tantas vezes chamaram Mademoiselle Bussula á scena, e que a fizeram repetir a sua linda dança, diria que esta dançarina pela terceira vez havia sido escripturada para o nosso primeiro theatro. Dançou dois passos, composição do Sr. Libonati. Assim que vimos os primeiros trabalhos deste compositor, logo o elogiámos porque nos pareceu digno dos applausos que o publico lhe dirigia.

Os seus dois novos passos dão-lhe muito credito. No primeiro passo, Mademoiselle Bussula dançou, com toda a firmeza e conveniente garbo, a introducção seguida de uma trabalhosa variação executada sobre um bello motivo do *Elixir*.

Ouvimos a juizes competentes julgar esta variação, dançada por Mademoiselle Bussula, como dos passos mais perfeitos, que se podem executar. A *Versomenne* é um passo em caracter, dançado com muita *coquetterie*, e de uma elegancia simples mas vistosa. Mademoiselle Bussula vinha primorosamente vestida; e com este seu beneficio augmentou a sua bem merecida reputação, ganha já em outros theatros de primeira ordem, como o de S. Carlos.

Os applausos, em toda a noite, foram sempre enthusiasticos e repetidos. Todos estavam satisfeitos, porque o triumpho era merecido e dos que se observam poucas vezes.

MODA EXTRAVAGANTE.

426 Os joruaes dos Estados-Unidos referem que depois da chegada, de moderna data, do enviado turco junto daquella republica, metteu-se em cabeça ás damas da America do Norte trajarem á turca. Actualmente se vê passearem em Broad Way (Nova York) muitas senhoras vestidas com largas pantalonas e tunicas mui curtas. Esta revolução sumptuaria adquire, ao que parece, numerosas proselytas nas classes superiores da sociedade; e se a coisa assim caminhar o antigo vestuario feminino será banido da união americana.

POPULAÇÃO DA RUSSIA.

427 O boletim do recenseamento official da população da Russia no anno de 1846, e que é o ultimo conhecido, dá os seguintes resultados. — « A Russia européa, propriamente dita, 52 milhões e 546,334 habitantes: nos governos da Siberia occidental, 2 milhões e 153,552 ditos: no reino de Polonia, approximadamente quatro milhões e oitocentas mil almas: no grão ducado da Finlandia, um milhão e seiscentas mil; na Transcaucasia dois milhões e meio. Somma total, 63 milhões e seiscentas mil pessoas. — A população total, comprehendendo a de outras possessões não expressas acima, póde computar-se redondamente em 65 milhões de habitantes.

Destes, 49 milhões professava a religião russa orthodoxa, que nós denominamos scisma; sete milhões e tresentos mil a religião catholica; tres milhões e meio a religião reformada; dois milhões e quatrocentos mil a mahometana; um milhão e duzentos mil a judaica; ha além disso um milhão de armenios, gregorianos etc., e 600:000 pagãos.

MEMORIAS DE UM HOMEM DE JUIZO.

Disciplina militar.

DO CORPO DA GUARDA EM SERVIÇO.

(Continuado de pag. 456.)

428 Homens da magistratura e do altar combinaram a revolução, e homens da magistratura e do altar não confessaram o que deviam aos restauradores de um reino abandonado e trahido! Todos os resultados são as consequencias, que não cessam, e que se vê quererem renascer.

. . . . . — Junto em camara do marechal general commandante em chefe do exercito, e no quartel general do Calhariz, motivo de serviço relevante e scientifico junto á real pessoa com sua ex.ª etc. etc. etc. anno de 1811, e na sala da regencia junto ao docel circundado pela mesma regencia etc.

Eu. . . . . , condecorado com a cruz de campanha da guerra Peninsular, pelo 4.º regimento de artilheria; tenho nesta o meu brazão em escudo vermelho tinto de sangue ornado com as bandeiras e armas laureadas e nunca trahidas por mim, tenho a minha civil e militar conducta fidelissima. Sou o artilheiro que maior numero de tiros de artilheria empreguei, cujos projectis foram dirigidos aos alvos, da minha escolha com approvação do Sr. Campbel da real artilheria britannica, por quem a honra de ser commandado, fazendo-me chefe de uma peça calibre 24 na direita da bateria do seu commando, batendo as obras exteriores e praça de Tarragona no anno de 1813, e em cujo desempenho mereci, pedindo-lhe attestado, que elle, esse honrado militar brilhante adorno da nação britannica; mereci que me dissesse — « fazei-o como quizerdes, que eu porei a minha assignatura. » — Nunca a alliança de Portugal e da Grã-Bretanha foi estreitada e tão triumphante: graças e muitas graças ao Senhor dos exercitos, que abençoou e protegeu a nossa empresa de armas.

Por tudo quanto hei expendido, não admitte duvida que sou o maior da guerra Peninsular a quem o governo do Brasil deve dar posse do legado como consta do deposito feito pelo testador do patrimonio da Prainha e Pedra do Sal no Rio de Janeiro, e dizem de facto e de direito pelo crime de suborno, intitulando-se soberania nacional em terra minha propriedade, no direito das armas triumphantes na guerra da restauração de Portugal, feita por mim e assignada no Rio de Janeiro aos 30 dias do mez de Janeiro do anno de 1851.

(Continúa.)